

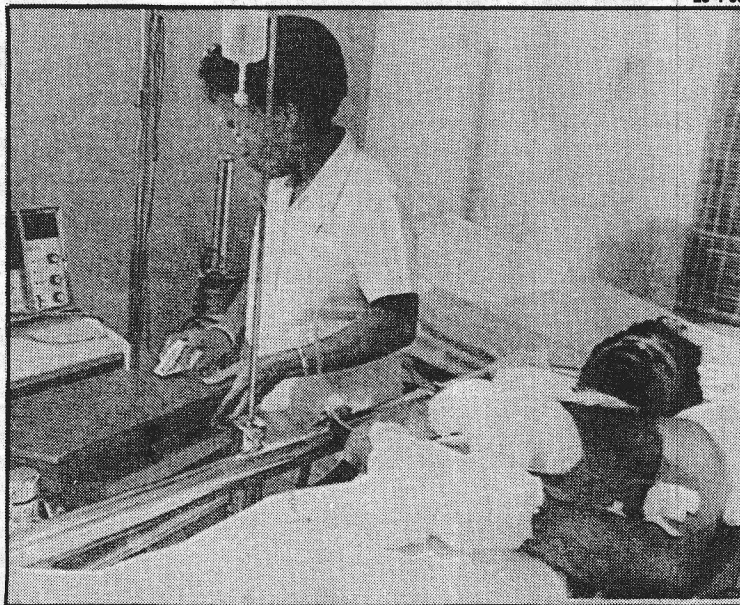
Greves, bombas e Lubeca deixam Lula na gangorra

25-4-89

Abrigando tendências e grupos radicais, o PT encontra dificuldades para caminhar na reta final da campanha. As dissensões internas, as pressões de pequenos grupos de ultra-esquerda, roubam-lhe a fisionomia de partido de massas, cultivada desde sua criação. Por conta desses problemas, Luís Inácio Lula da Silva oscila numa espécie de gangorra eleitoral, movido ora pela força de uma militância aguerrida esparramada pelo País, ora pelos desatinos de pequenos grupos.

No primeiro trimestre deste ano, Lula experimentou a agradável sensação de liderar as pesquisas de intenção de voto. O partido ainda comemorava a vitória nas eleições municipais de 1988 e seus dirigentes mostravam-se enamorados com a possibilidade de um metalúrgico ascender à Presidência da República. Bastaram, entretanto, três ou quatro pesquisas confirmando a boa posição do partido, para a CUT, o braço sindical do PT, detonar uma sequência de greves por todo o País. O grevismo fez a candidatura petista submergir, descendo a 5% das intenções de voto.

Graças ao esforço da militância e à pregação do candidato a favor de uma melhor distribuição de renda, Lula, meses depois, conseguiria deixar a companhia dos candidatos nanicos para disputar, palmo a palmo, com Leonel Bri-



Antônio Bezerra dos Santos, ferido na explosão da bomba que levava

zola a segunda melhor posição. Agora, vê-se ameaçado novamente de desabar na esteira de um escândalo na administração da principal Prefeitura petista, a de São Paulo. O Caso Lubeca, como ficou conhecida a suposta trama que resultaria em contribuições de NCZ\$ 1,3 milhão para a campanha de Lula, poderá servir como sobre peso a trazer a gangorra petista às funduras dos baixos índi-

ces de intenções de voto.

No início do ano, Lula ficou encurralado no partido. Ele não podia se colocar ostensivamente contra as greves, mas estava consciente de que, se persistisse o quadro de paralisações, sua candidatura soçobraria de vez. Para o público externo, não teve outra saída senão defender as paralisações.

— No dia em que eu tiver de

mudar minha posição, não haverá razão para o PT ter candidato à Presidência da República — martelava.

Internamente, entretanto, Lula tentou convencer o comando da CUT de que a sobrevivência de sua candidatura dependia de uma trégua. Os dirigentes da CUT juram que não houve acordo nestes termos, mas desde que a candidatura petista começou a exibir sinais de convalescência as greves arrefeceram em todo o País.

Em abril deste ano, a campanha foi atingida literalmente por uma bomba. O artefato explodiria numa agência do Bradesco em Recife nas mãos do bancário Antônio José Bezerra dos Santos, militante declarado do PT. O episódio obteve repercussão nacional e o PT, no rastro de um ato de violência, mostrava novamente aos eleitores uma face radical. Pior foi a reação do Diretório de Pernambuco: após várias ameaças, resolveu não expulsar Antônio.

Em agosto, outra bomba: próximo à caixa do relógio de eletricidade do Comitê Central, eram encontrados quatro morteiros privativos das Forças Armadas já detonados. Os dirigentes do PT tentaram capitalizar o fato como um atentado contra o partido. A perícia policial verificaria, entretanto, que não havia sequer pólvora nos artefatos.